

Entre 19 de novembro de 2020 e 28 de fevereiro de 2021, o Museu Nacional de Arte Antiga apresentou a exposição *Guerreiros e mártires. A Cristandade e o Islão na formação de Portugal*, comemorativa do martírio dos cinco Mártires de Marrocos em 16 de janeiro de 1220, a qual deu origem à publicação de um livro com o mesmo título. Das 259 páginas do volume de grande formato, 108 são ocupadas por um detalhado catálogo das peças em exposição, onde elas são, além de identificadas, descritas e historicamente contextualizadas. Os núcleos da exposição são seis («Portugal na Espanha árabe», «Viver em tempos de cruzada», «Iconografia dos Mártires de Marrocos», «Guerrear», «Rezar» e «Identificação de um país»), justificados nos dois paratextos iniciais (da autoria de Bernardo Alabaça e de Joaquim Oliveira Caetano). Neles nada se diz sobre os doze textos de que o catálogo se faz acompanhar mas a leitura permite ver que houve intenção de oferecer uma contextualização histórica da temática da exposição, em capítulos panorâmicos que pretendem mostrar a vida em todas as suas dimensões, na época do martírio dos cinco frades franciscanos: as formas de contacto entre populações cristã e islâmica, no território reconquistado e no território sob domínio muçulmano; os ideais que agitavam os tempos, a cruzada, a conversão dos pagãos e o radicalismo almóada; a religião no reino de Portugal e nas terras marroquinas; a guerra, as suas práticas e os seus instrumentos; o quotidiano e as realizações materiais, monumentais e outras; os Mártires de Marrocos e o seu culto.

Os capítulos são assinados por autores especialistas das várias matérias e apresentam-se como excelentes sínteses do saber sobre cada um dos temas abordados, mantendo sempre no horizonte o acontecimento que se celebra, o martírio de frei Bernardo e seus quatro companheiros franciscanos em 1220.

Santiago Macias e Cláudio Torres («O Gharb: cristãos e muçulmanos no século dos Almóadas») descrevem os avanços e recuos da Reconquista e as consequências na constituição da população, pondo em relevo a permanência da comunidade islâmica no Portugal medieval. A ocupação do território é também o tema de Miguel Gomes Martins («Das portas de Badajoz às muralhas de Faro»), que historia o papel dos primeiros reis na reconquista do Sul, depois do desastre de Badajoz em 1169, da estagnação com Sancho I, passando pelo protagonismo das ordens militares, para terminar com a personalização da vitória por Afonso III em Faro. Hermenegildo Fernandes («Viver em tempos de cruzada - os cristãos») descreve a permeabilidade cultural propiciada pelas relações políticas, na sua articulação com o espírito de cruzada, e como as relações diplomáticas e as trocas comerciais entre cristãos e muçulmanos contribuem para uma vivência comum, favorável à vida em clima de tolerância dos cristãos em Marrocos, que explica a posição do Infante Pedro

Sanches junto do rei e a forma como os cinco franciscanos foram pacientemente recebidos antes do martírio.

Complementa este capítulo o de Maria Filomena Lopes de Barros («Identificação de um país: a vivência muçulmana sob domínio cristão»), que dá conta do progressivo agravamento das condições de vida dos mouros em território cristão a partir do séc. XIV, depois da anterior convivência através da qual «os muçulmanos (como os judeus) participam também de uma cultura (no seu sentido mais amplo) comum ao conjunto da população portuguesa medieva» (p. 131).

A religião é observada dos dois lados da instável fronteira que delimita os reinos cristão e islâmico. João Luís Inglês Fontes («A religião nos primeiros tempos de Portugal») traça um panorama dos movimentos religiosos do século XIII, depois da introdução da reforma gregoriana e na confluência da ação das ordens militares, do nascimento de novas formas de vida regular - com destaque para os cônegos crúzios e para o movimento feminino cisterciense - e da chegada do franciscanismo, tendências religiosas que explicam o encontro de várias figuras a quem será reconhecida a santidade: os Mártires de Marrocos, a Infanta D. Sancha e Santo António de Lisboa. Por seu lado, Yassir Benhima («Crenças e práticas religiosas no espaço almóada») mostra-nos o nascimento de novas tendências religiosas no espaço islâmico, com a ascensão de Ibn Tūmart, o líder do movimento almóada. Entre uma e outra religião, Luís Filipe Oliveira («Os tempos da cruzada, da conversão e do martírio») aborda a promoção do ideal de cruzada no século XIII, de iniciativa papal, na sua relação não linear com o ideal de conversão dos infieis. Evocando o encontro de S. Francisco com o sultão do Egipto, Oliveira defende que a ação dos cinco mártires em Marrocos não representa tanto a expressão daqueles dois ideais como uma vocação martirial que não fora prevista pelo fundador da Ordem.

As materialidades culturais estão também presentes e completam este largo panorama. Susana Gómez Martínez («Viver em tempos de cruzada - Al-Andalus. O Mediterrâneo e mais além. 122º d. C./616 H. Uma perspectiva desde a materialidade») relata com o pormenor desejável a organização do espaço e da vida quotidiana no Al-Andalus, as habitações, o vestuário, a alimentação, a sociabilidade. A guerra impunha a sua própria realidade também neste aspeto, o que leva Isabel Cristina Ferreira Fernandes («Guerrear: as matérias da guerra») a descrever a arquitetura militar, o vestuário e as armas que eram levadas para a batalha, tanto por cristãos como por mouros. Os dois capítulos sobre a vida material oferecem a explicação pertinente para algumas das peças inventariadas no catálogo. Na arte, assiste-se à passagem do românico ao gótico, como explica Paulo Almeida Fernandes («A construção da paisagem monumental»), que oferece um *tour* pelos exemplos mais significativos de arquitetura religiosa em Coimbra, Tomar, Alcobaça, Porto e Santarém e pelas construções militares almóadas no sul do país (os castelos de Alcácer do Sal e de Silves), convertidas pelos cristãos depois da reocupação. Regista ainda, no final do capítulo, o surgimento de «'mutações' no acesso à santidade», apontando como exemplo «o caso de Gonçalo de Amarante», e a chegada dos mendicantes, que «trouxe novos concorrentes às candidaturas à santidade, como sucedeu com São Gualter de Guimarães» (p. 122) e, menos seguramente com «frei Lourenço Mendes, lendário construtor da ponte de Cavez» (p. 122). Não é clara para o leitor qual a relação destas três figuras com a história da arte. Menciona-se a igreja

primitiva consagrada a S. Gonçalo mas nada se pode dizer sobre ela, já que não sobreviveu, tendo dado lugar ao convento dominicano mandado construir por D. João III. Não se faz referência à ponte alegadamente construída pelo santo, que também não é a original (foi reconstruída no séc. XVIII), mas parece ser a construção de uma ponte que justifica a menção de frei Lourenço Mendes. A S. Gualter, que terá levado a Guimarães o franciscanismo, nenhuma construção é atribuída.

Aos Mártires de Marrocos, como seria de esperar, foi dedicado um capítulo, assinado por Milton Pedro Dias Pacheco («Os protomártires de Marrocos. Das fontes hagiográficas às obras iconográficas»), que se estrutura em três pontos: a narrativa da viagem e do martírio («O exercício evangelizador e martírio missionário pela fé cristã», p. 55); as fontes «hagiográficas e cronísticas» (p. 59); a iconografia («Fórmulas iconográficas», p. 62). Para o primeiro ponto é usada uma das fontes mais tardias, o *Tratado da vida e martírio dos cinco mártires de Marrocos* (Coimbra, João Alvarez, 1568) e das mais antigas apenas se faz rápida referência. Não é clara nem justificada a preferência pelo *Tratado* de 1568, quando as fontes mais antigas pedem, há muito, um cuidado trabalho de crítica hagiológica. Entre elas está o relato da *Chronica XXIV Generalium*, de Arnaldo Serrano (1360-1369), parcialmente traduzida na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* do cod. Il 94 da BNP (séc. XV; BITAGAP texid 19604), e que serviu de fonte à *Legenda quinque fratrum minorum martyrum in Marochio* de Santa Cruz (BHL 1170; publicada nos PMH, *Scriptores*, p. 113-116), a que o autor se refere sem nada dizer sobre as respetivas fontes. O facto de reconhecer que «a história dos martirizados» está «cada vez mais fragmentada, esparsa e contaminada com o passar dos séculos» (p. 61) deveria ser razão suficiente para procurar de preferência as fontes mais antigas e sujeitá-las a uma análise crítica. Lembrar que já antes frei Marcos de Lisboa «havia escrito sobre os Santos Mártires na sua *Primeira Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores*, impressa em 1587, tendo por base as “chronicas antigas & outros livros da ordem”» (p. 61), deveria ter conduzido à mencionada *Crónica da Ordem* quatrocentista (BITAGAP texid 19604) e esta à mencionada crónica latina do séc. XIV. Por outro lado, Pacheco cita frei Manuel da Esperança (1656) para dar conta do alegado desaparecimento da *legenda* encomendada por frei João da Póvoa a frei Francisco de Sevilha:

«Idêntica fatalidade [o desaparecimento] sofreu o «memorial, q̄ fez em todos os cõuêtos da Obseruãcia no seu tẽpo o veneravel padre F.Ioão da Pouoa» (Esperança, 1656, p. 75), encomendado por este a frei Francisco de Sevila, em 1476 (p. 61)».

Ora esta *legenda* é a latina *Passio et miracula quinque fratrum minorum martyrum in Marochio* (BHL 1172; publicada em PMH, *Scriptores*, p. 105-113), que o autor evoca brevemente na p. 60 e que apresenta no colofon a atribuição autoral e a data de 1476, o que prova que fazer fé em fontes tardias (neste caso frei Manuel da Esperança) tem os seus riscos. Apesar deste inesperado recurso a este tipo de fontes, Pacheco afirma ser possível «rastrear alguns elementos históricos acerca da autoria de ambos os textos hagiográficos» e declara-os «um redigido com base nos relatos de D. Pedro e outro assente nos testemunhos dos cavaleiros que o acompanharam na jornada africana» (p. 61). Atribui, assim, a *legenda antiqua* (presumivelmente a *legenda crúzia* BHL 1172) à iniciativa e ao relato do Infante D. Pedro e a outra *legenda* (BHL 1170) ao testemunho prestado por Estêvão Peres

de Santarém e Rui Fafes ao bispo de Lisboa D. Mateus (de acordo com a fonte alegada pela *Crónica de 1419*, ed. A. A. Calado, p. 113). Porém, não há nenhum argumento que fundamente a existência de dois relatos diferentes, um feito pelo Infante e outro feito pelos seus cavaleiros. Pelo contrário, a legenda breve (BHL 1170) será, segundo Dias (2014, 127, n.24), uma versão reescrita da *Chronica XXIV Generalium*, acrescentada de um prólogo. Parece, portanto, que a boa crítica obrigaria a remontar a esta narrativa trecentista para tentar uma aproximação aos factos históricos do martírio e para destrinçar o que em fontes posteriores foi sendo adicionado pela transmissão oral ou pela criatividade dos hagiógrafos. Sirva de exemplo o milagre da mula que, ausente dos textos mais antigos (*Chronica XXIV Generalium*, *Crónica da Ordem dos Frades Menores* e *Legenda* BHL 1170), aparece pela primeira vez na *Passio* de frei Francisco de Sevilha (1476) e é acriticamente incluída pelo autor na narrativa dos factos do primeiro ponto do capítulo.

Por fim, no terceiro ponto, o capítulo apresenta, de forma genérica, seis categorias temáticas na iconografia dos mártires em diversos tipos de suporte.

Considerando que é o martírio dos cinco franciscanos o pretexto temático da exposição e do livro, justificar-se-ia um capítulo dedicado exclusivamente à iconografia portuguesa dos mártires, com uma análise diacrónica que interpretasse panoramicamente vários elementos dispersos pelas descrições das peças da exposição, evidenciando inovações e permanências na perceção artística destas figuras hagiográficas, a exemplo do que nos oferece o capítulo «O culto dos Mártires de Marrocos em Itália» (Giulia Rossi Vairo) para a iconografia italiana. Assim, o capítulo sobre a história dos mártires ganharia espaço para a exposição crítica das fontes. Considerando ainda que foi a efeméride dos 800 anos do martírio que levou à contextualização histórica e que o capítulo de Giulia Rossi Vairo se debruça exclusivamente sobre o culto expresso pelas artes visuais, sente-se a falta de um capítulo que abordasse outras formas de culto em Portugal. Algumas referências à procissão dos nus no catálogo podem ser encontradas, mas não chegam a oferecer para o culto a sugestiva contextualização que oferecem os excelentes capítulos sobre a guerra e as ideologias. O *Livro dos milagres dos Mártires de Marrocos* (Bitagap texid 15003 e 15004) - e o que ele representa de legitimação de práticas devocionais com representação jurídica - não tem lugar nos dois capítulos dedicados aos mártires, apesar de a iluminura que contém (Nascimento e Meirinhos 1997, p. 212) ser reproduzida na Figura 1 da p. 56, sem qualquer indicação de que provém daquele *Livro* e apesar de estar suposta na referência a «iluminura» da p. 64.

Por fim, teria pleno cabimento nestes *Guerreiros & mártires* um capítulo sobre o ideal do martírio e os modelos de santidade no século XIII. Quando Oliveira aponta a vocação martirial como principal motor da atuação dos Mártires de Marrocos, deixa em foco a inesperada atualidade deste modelo de santidade no século de emergência da santidade moderna, mendicante, face à qual parece constituir um regresso aos modelos mais antigos de santidade. Porque não foi caso único, como recordam muitos dos historiadores que colaboraram no volume, lembrando a inspiração que dele recebeu o cónego regrante Fernando Martins, teria sem dúvida sido interessante um capítulo que enquadrasse o ideal do martírio e o explicasse na contradição que parece constituir.

Bibliografia

- ASKINS, A.; Sharrer, H.; SCHAFFER, M., org. – BITAGAP = *Bibliografia de textos antigos galegos e portugueses*: https://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html.
- BHL = *Bibliotheca Hagiographica Latina antiquae et mediae aetatis*, Bruxelles: ediderunt Socii Bollandiani, 1898-1899.
- CRÓNICA de Portugal de 1419*. Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1998.
- DIAS, Isabel – D. Pedro Sanches e a lenda dos cinco mártires de Marrocos. In *O imaginário medieval*. Torres Vedras: Colibri, 2014, p. 123-131.
- NASCIMENTO, A. A.; MEIRINHOS, J. F., ed. – *Catálogo dos códices da livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal, 1997.
- PORTUGALIAE monvmenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum...*, I. *Scriptores*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1856.